

ESCOLA-FAZENDA NA PERIFERIA PAULISTANA: UMA HISTÓRIA DE MUDANÇA DE PAISAGEM URBANA E REFORMULAÇÃO DE UM IDEÁRIO EDUCACIONAL

FARM SCHOOL IN THE OUTSKIRTS OF SÃO PAULO: A STORY OF CHANGING URBAN LANDSCAPE AND REFORMULATION OF EDUCATIONAL IDEAS

Grabriela Borges Abraços¹
Emily Kruger Bertazzo²
Wendel Thomaz Lima³

RESUMO: O objetivo deste artigo é relacionar a expansão rápida e desordenada da cidade de São Paulo com as transformações de uma escola-fazenda fundada em 1915, no atual bairro do Capão Redondo, para formar a liderança nativa da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil. No caso do entorno do UNASP, a roça virou favela e a periferia paulistana bateu à porta. Por isso, nos anos 1980, quando dois terços da antiga fazenda da instituição foram desapropriados, a IASD teve que lidar com o dilema de fechar o UNASP ou reformular sua proposta educacional, historicamente atravessada por uma tensão campo-cidade. A metodologia desta pesquisa consiste na revisão bibliográfica existente e na análise documental de fontes primárias pertencentes à subprefeitura de Campo Limpo e ao Centro de Memória do UNASP.

PALAVRAS-CHAVE: Capão Redondo; ideário educacional; paisagem urbana; tensão campo-cidade; UNASP.

ABSTRACT: The objective of this article is to relate the rapid and disordered expansion of the city of São Paulo with the transformations of a farm school founded in 1915, in what is now the Capão Redondo neighborhood, aimed at developing native leadership for the Seventh-day Adventist Church (SDA) in Brazil. In the case of the area surrounding UNASP, rural fields became urban favelas, and the São Paulo periphery reached its doorstep. Therefore, in the 1980s, when two-thirds of the institution's former farm were expropriated, the SDA faced the dilemma of either

¹ Doutorado em Estética e História da Arte (USP). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7343-3438> E-mail: gbabracos@yahoo.com.br

² Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras (USP). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9328-6831> E-mail: emily.bertazzo@unasp.edu.br

³ Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP). Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0966-2938> E-mail: wendel.lima@unasp.edu.br

closing UNASP or reformulating its educational proposal, historically marked by a rural-urban tension. The methodology of this research consists of a review of the existing bibliography and document analysis of primary sources from the Campo Limpo sub-prefecture and the UNASP Memory Center.

KEYWORDS: Capão Redondo; educational ideology; rural-urban tension; urban landscape; UNASP.



10.23925/2176-4174.34.2025e68980

Recebido em: 05/11/2024.

Aprovado em: 05/12/2024.

Publicado em: 06/01/2025.

Introdução

A denominação Igreja Adventista do Sétimo Dia possui dezenas de instituições educacionais com estrutura de internato pelo mundo. Essas instituições fazem parte da tradição adventista desde 1872, e possuíam o objetivo de serem escolas de treinamento para que jovens da denominação pudessem ser capacitados para formar a próxima geração de líderes da denominação. Seguindo os conselhos bíblicos e de seus pioneiros, os internatos adventistas eram organizados em propriedades rurais, longe das influências dos centros urbanos, e buscavam oferecer atividades práticas além do conteúdo teórico comum, e ficaram conhecidas como *training schools*.

O formato educativo em ambiente rural foi promovido como forma de evitar os perigos da vida na cidade, vistos como espaço repleto de doenças, vícios e atentados à moral. Além disso, a verdadeira educação deveria se preocupar com todos os aspectos do desenvolvimento humano, não só o intelectual. Esse conjunto de ideias passou a fazer parte da tradição adventista para o estabelecimento de internatos e contribuiu para o aumento na tensão campo-cidade dentro do adventismo.

O então Seminário Adventista, fundado pela denominação nos arredores de Santo Amaro em 1915, é um exemplo desse modelo. A localização da propriedade e o seu tamanho estavam de acordo com o que os líderes da denominação entendiam ser o ideal adventista do período. Contudo, a cidade de São Paulo cresceu

exponencialmente e de maneira desorganizada, alcançando áreas periféricas da cidade, incluindo os arredores de Santo Amaro e do seminário. O formato inicial da instituição estava sendo ameaçado, e a desapropriação de grande parte da propriedade nos anos 1980 forçou a instituição a reconsiderar seu modelo educacional e a ajustar-se ao novo contexto urbano.

Os conceitos de Milton Santos sobre a paisagem fornecem ferramentas essenciais para esta análise. A instituição chamada atualmente de UNASP, localizada no atual Distrito do Capão Redondo, passou por extensas modificações. A presença humana se tornou a principal força de metamorfose, refletindo necessidades e valores sociais e econômicos locais.

A partir desse contexto, foi necessário rever a memória religiosa da denominação e mudar o discurso institucional para seus internatos. As instituições que foram alcançadas pelas cidades precisariam mudar seu papel para poderem sobreviver. E é a partir daí que pesquisadores tem realizados estudos sobre a transformação das *training schools* em centros de influência, adaptando estratégias e mantendo-se relevante apesar das transformações da sociedade na qual estão inseridas.

A metodologia empregada neste estudo baseou-se em pesquisas bibliográficas de fontes primárias e secundárias. Destacamos os documentos primários da própria instituição adventista; as fontes secundárias sobre a história das instituições adventistas. Contamos também com depoimentos primários de descendentes das primeiras famílias que se instalaram na região do Capão Redondo, na cidade de São Paulo. A pesquisa realizada seguiu a estrutura qualitativa e analítica.

1. A tensão campo-cidade e o modelo escola-fazenda

Denominação de origem norte-americana, a IASD estabeleceu dezenas de escolas-fazenda nas imediações de grandes cidades ao redor do mundo.⁴ A primeira

⁴ Em 2023, havia 116 instituições adventistas de ensino superior espalhadas pelo globo, boa parte delas no regime de internato. Ver https://documents.adventistarchives.org/Statistics/Other/SDAWorldChurchStatsSummary2023.pdf?_gl=1*11jguwe*_ga*MTM1MzkwNzg4Ny4xNzI4OTI3OTQw*_ga_2VBYH6KEBQ*MTcyODkyNzkzOS4xLjAuMTcyODkyNzk1NC4wLjAuMTA2MDY0Mjky. Acessado em 14 de outubro de 2024.

dessas unidades⁵ foi estabelecida em junho de 1872, com 12 alunos (KNIGHT, 2000, p. 76), na cidade de Battle Creek, Michigan (EUA). Porém, uma década mais tarde, a escola entrou em colapso, sendo fechada no verão de 1882 e reaberta no outono de 1883 (Ibid., p. 78). A experiência inicial e negativa com a escola de Battle Creek levou a IASD a rediscutir o tema em sua primeira convenção educacional em Harbor Springs, Michigan, em julho e agosto de 1891, com cerca de cem educadores (KNIGHT, 2018a, p. 961). Mais tarde, esse encontro foi classificado como um divisor de águas para a educação adventista, pois ali foi discutido em que a proposta denominacional se distinguiria das demais (SANTOS, 2016, p. 83).

A visão de Ellen G. White (1827-1915),⁶ cofundadora e profetisa do movimento, não estava sendo entendida pelos líderes adventistas de sua época. Ela queria uma educação mais prática e menos dependente do ensino teórico de clássicos gregos e latinos. Ela desejava que a Bíblia ocupasse papel central no processo de ensino-aprendizagem. Aliás, assim como ocorreu com outras igrejas protestantes conservadoras dos Estados Unidos, o dilema sobre o lugar do livro sagrado na educação confessional gerou debates internos na rede adventista ao longo do século 20. Debates que se intensificaram quando essas denominações tiveram que (re)pensar e (re)afirmar a confessionalidade de suas escolas em diálogo com a ciência moderna, a lógica de mercado e as exigências para acreditação governamental (KORNIEJCZUK, 1994, p. 15, 149 e 150).

Nos Estados Unidos do fim do século 19 e da primeira metade do século 20, várias dessas igrejas tinham suas *training schools* e *bible institutes/bible colleges*, cuja ênfase estava na formação de missionários. Porém, pós-Segunda Guerra Mundial, o campo conservador protestante norte-americano viu suas faculdades confessionais passarem pelo processo de se tornarem universidades e, com isso, correrem o risco de perderem sua identidade cristã e se secularizarem (KORNIEJCZUK, 1994).

Em seu clássico livro *Educação* (2001), publicado originalmente em 1903, Ellen White aponta quatro aspectos essenciais do que ela entendia ser a “verdadeira

⁵Em 2023, a rede educacional adventista tinha mais de 9,8 mil unidades escolares e quase 2,2 milhões de alunos no mundo. Ver https://documents.adventistarchives.org/Statistics/Other/SDAWorldChurchStatsSummary2023.pdf?_gl=1*11jguwe*_ga*MTM1MzkwNzg4Ny4xNzI4OTI3OTQw*_ga_2VBYH6KEBQ*MTcyODkyNzkzOS4xLjAuMTcyODkyNzk1NC4wLjAuMTA2MDY0Mjky. Acessado em 14 de outubro de 2024.

⁶ Ver dados biográficos dela em <https://centrowhite.org.br/ellen-g-white/biografia-de-ellen-g-white-1827-1915/>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

educação”: (1) contato com a natureza, para que os alunos identifiquem as leis divinas que atuam no mundo natural e neles mesmos; (2) o uso da Bíblia como fonte de conhecimento e de aprendizado de princípios do bom viver; (3) o desenvolvimento de uma cultura física para a compreensão das leis de saúde e investimento em autocuidado; e (4) edificação do próprio caráter por meio da aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes. Vale destacar que Ellen White não apenas escreveu sobre a finalidade e a filosofia da educação adventista, mas também influenciou e supervisionou a implementação das primeiras *training schools* da denominação (DOUGLASS, 2018, p. 854-856).

Quem parece ter entendido e acreditado firmemente na visão educacional de Ellen White, foi Edward A. Sutherland (1865-1965)⁷, médico e influente educador adventista da primeira metade do século 20. Ele foi líder dos que entendiam que o adventismo deveria sustentar uma reforma completa da educação. Tomando o caso do Oberlin College, instituição protestante fundada em 1833, em Ohio (EUA), ele alertava que um início de sucesso promissor poderia se tornar num fracasso irreversível (SANTOS, 2016, p. 77).

Apesar de muitas reformas educativas iniciadas pelo Oberlin College na década de 1830 se assemelharem às ideias educacionais defendidas por Ellen White nos anos 1870-1890, nem a cofundadora da IASD nem outros adventistas parecem ter tido contato direto com esse internato de Ohio (KNIGHT, 2018, p. 923). A tradição adventista posterior é que sugere essas conexões. E o que tornou proeminente a ideia do Oberlin como um escola-modelo entre os adventistas, foram os escritos de Sutherland (SANTOS, 2016, p. 77).

Para ele, o abandono do modelo de escola-fazenda tinha sido uma falha crucial do sistema educacional protestante nos Estados Unidos, mas que não poderia ser repetida pelos adventistas (SUTHERLAND, 2024, p. 25-88). Sutherland entendia que, assim como os adventistas haviam sido levantados por Deus para fazerem diversas reformas na teologia, saúde e vestuário, também deveriam ter um sistema educacional singular, que enfatizasse elementos como a centralidade da Bíblia, a promoção de uma dieta saudável, a autonomia dos estudantes, o trabalho manual-

⁷ Ver <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8A94&highlight=sutherland>. Acessado em 21 de outubro de 2024.

prático-profissionalizante, a formação de missionários de autossustento e a localização rural das escolas (Ibid., p. 25-88).

Para esse convicto, mas controverso educador, as escolas adventistas deveriam ser diametralmente opostas ao que ele entendia como o modelo de educação jesuíta, o qual Sutherland associava a uma proposta centralizadora, focada nas “ciências artificiais”, nas ideias humanas-mundanas e em escolas urbanas (Ibid., p. 42). Apesar de ter trabalhado alguns anos para a IASD, as fortes convicções de Sutherland o levaram a iniciar um empreendimento independente. Encorajado por Ellen White (CAMPBELL, 2018, p. 504) e em parceria com outros(as) educadores(as), em 1904, ele estabeleceu o Nashville Agricultural and Normal Institute, no Sul dos Estados Unidos. Em 1937, essa instituição seria renomeada para a designação pela qual ficou mais conhecida: Madison College.⁸

Sutherland parece ter sido mais ousado do que a liderança da IASD na época. Isso porque, naquela escola na fazenda Madison, a 19 quilômetros de Nashville, no Tennessee, ele colocou em prática os ideais educacionais reformadores de Ellen White. Ali também estabeleceu um pequeno complexo institucional com hospital, fábrica de alimentos e restaurante vegetariano, (ASHWORTH, 2018, p. 573).⁹

O trabalho prosperou na primeira década do século 20. Até 1946, ex-alunos do Madison College haviam fundado cerca de 50 pequenas escolas missionárias de autossustento nos Estados Unidos. E, apesar de a instituição ter sido fechada em 1964 por desafios financeiros e pagar baixos salários aos seus professores, ela estabeleceu um padrão para o movimento de autossustento na educação adventista (MOON, 2018, p. 915) e acabou se tornando incubadora para outros ministérios de apoio da IASD, como o Adventist-laymen's Services & Industries¹⁰ e Outpost Centers International.¹¹

No contexto adventista, as escolas-fazenda estão diretamente associadas ao regime de internato misto (alunos e alunas). Embora o primeiro internato denominacional tenha sido implementado mais por uma questão pragmática do que filosófica, esse regime hoje é percebido como a experiência *premium* da educação

⁸ Ver (DITTES, 2020): <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=B9Q9&highlight=madison>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

⁹ Ver <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=B9Q9&highlight=madison>. Acessado em 21 de outubro de 2024.

¹⁰ Ver <https://asiministries.org/about-asi>. Acessado em 21 de outubro de 2024.

¹¹ Ver outpostcenters.org/pt/about-us/our-story/. Acessado em 24 de outubro de 2024.

adventista, um protótipo da verdadeira escola cristã (SANTOS, 2016, p. 93). Ao longo do século 20, os internatos passaram a ser vistos como espaços privilegiados para o desenvolvimento de aspectos muito caros para a educação adventista: (1) formação de liderança; (2) localização rural; (3) trabalho educativo; (4) amizades e casamentos; (5) regras de convivência; (6) controle e isolamento; e (7) desenvolvimento espiritual (SCHÜNEMANN, 2008). Foi esse modelo institucional que inspirou os missionários alemães que fundaram o UNASP no Capão Redondo

2. A instalação do UNASP e a paisagem natural

O então Seminário Adventista,¹² atual Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), descende do projeto teológico da Igreja Adventista para educação. A denominação organizou formalmente vários institutos educacionais nos Estados Unidos e foi, aos poucos, enviando missionários para outros continentes, buscando difundir o tripé de seu modelo missiológico: evangelismo, saúde e educação.

No Brasil, o primeiro colportor (missionário de autossustento, que vende livros e revistas sobre saúde, educação e religião) chegou em maio de 1893. Augustus Baer Stauffer (1859–1926)¹³ desembarcou no porto de Santos (SP) e começou o trabalho pelo interior paulista. Com a chegada de outros missionários e a conversão de famílias ao adventismo, escolas de educação infantil começaram a ser organizadas para que os filhos dessas famílias pudessem estudar e ter contato com os princípios adventistas desde a infância.

Em 1897, fundaram em Gaspar Alto (SC) a primeira escola paroquial, pois perceberam que seu crescimento seria mais rápido e eficiente se os próprios brasileiros se tornassem disseminadores da mensagem. Em 1903, deram início a Escola Preparatória de Taquari. Ambos os empreendimentos não tiveram sucesso e foram fechados em alguns meses. A distância, as condições das estradas, e o crescimento da própria denominação não foram suficientes para sustentar essas iniciativas. Uma tipografia também havia sido estabelecida em Taquari, mas, em

¹² Em quase 110 anos de história, o UNASP teve alguns nomes: Collegio Missionário da Conferência União Brasileirados Adventistas do Sétimo Dia (1915-1918); Seminario da Conferência União Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia (1918-1919); Seminario Adventista (1923-1942); Collegio Adventista (1942-1963); Colégio Instituto Adventista de Ensino (1963-1999) e UNASP (1999-hoje).

¹³ Ver <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9GPQ&highlight=Stauffer>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

1907, foi transferida para São Bernardo do Campo (atual Santo André), “com o objetivo de centralizar a pregação adventista, alcançando os estados mais populosos que incluíam Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo”(HOSOKAWA, 2001, p. 63).

Nos anos seguintes, um intenso trabalho evangelístico começou a ser realizado na Vila de Santo Amaro, nas imediações da capital paulista. A presença de comunidades teuto-brasileiras na região facilitou o contato dos missionários adventistas que, no geral, também falavam alemão. Entre 1913 e 1914, chegaram mais missionários, que foram enviados a Santo Amaro para se acostumarem com o clima, com as condições do país, e começarem a aprender português. Conferências evangelísticas que atrelavam temas religiosos e de saúde foram realizadas e, como resultado desse trabalho, várias famílias alemãs se converteram ao adventismo, assim como havia ocorrido em colônias germânicas no Sul do Brasil.

Entre os conversos estava o casal Pantaleão e Benedita Teizen, que vendeu para a IASD uma propriedade de aproximadamente 60 alqueires, ao sul da Vila de Santo Amaro, a 8 km do núcleo urbano do pequeno município. Nesse sertão, sitiantes produziam hortaliças, vegetais, frutas, ovos e carvão vegetal para clientes de Santo Amaro e São Paulo. Além do Seminário Adventista, não existiam outras escolas, fábricas ou comércios na região.

Os fundadores do Seminário, John Lipke (1875-1943),¹⁴ John (1884-1975) e Augusta Boehm (1888-1967),¹⁵ começaram os trabalhos ainda dentro de barracas. As primeiras salas de aula, dormitórios, cozinha e salas de reuniões foram acomodadas ali. Deram início à construção da primeira edificação, que foi sendo inaugurada em partes. A rotina diária dos alunos consistia em cultos, refeições, aulas pela manhã, e atividades práticas pela tarde, das quais todos participavam, independentemente da condição financeira. O português, o inglês e o alemão eram utilizados na comunicação informal e até mesmo nas aulas. Apesar do contexto rústico, a propriedade atendia bem o propósito dos pioneiros: a relativa distância da

¹⁴ Ver <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DGKD&highlight=John|Lipke>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

¹⁵ Ver <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGG2&highlight=John|Lipke>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

capital paulista (18 km), uma estrada de rodagem na porta da fazenda, os três regatos cristalinos de água potável, as colinas e matas e o ar puro.¹⁶

Numa edição da *Revista Mensal* de 1916, órgão geral da IASD no Brasil, Lipke pediu que os adventistas orassem para que aquela instituição se tornasse educacional “no verdadeiro sentido da palavra”, capacitando os jovens “no verdadeiro espírito missionário, a fim de serem enviados como obreiros preparados ao campo da missão”.¹⁷ Para que esse ideário educacional se concretizasse, era importante que a IASD no Brasil também apostasse no modelo escola-fazenda, numa educação que unisse conhecimento técnico com atividades manuais e profissionalizantes, e que valorizasse o desenvolvimento da saúde física e da espiritualidade. Tudo isso, num ambiente que fosse “na contramão da urbanização” (HOSOKAWA, 2001, p. 50).

3. As metamorfoses da paisagem urbana no entorno do UNASP

A história da humanidade, em seus diferentes espaços pelo globo, reúne um fluxo contínuo de construção e transformação da paisagem. Em seus movimentos produtivos, o ser humano constrói, destrói e reconstrói a paisagem de acordo com as necessidades de seu contexto e visando sua sobrevivência. Nesse movimento de transformações dialéticas, no sentido que a nova paisagem se constrói a partir das reminiscências da anterior, o que nos cabe enquanto observadores dessas transformações é a análise da paisagem produzida, a fim de obtermos informações sobre aquele grupo ou local. Nesse movimento também são produzidos os sistemas simbólicos e culturais da humanidade, como uma tradução imaterial de seus valores socialmente estabelecidos e compartilhados.

Milton Santos (1988, p. 23) desenvolve o conceito de paisagem, e a diferencia em natural e artificial. Para ele, a paisagem é heterogênea, formada por tamanhos, volumes, cores e utilidades que se distanciam do natural e se aproximam do artificial na medida em que certa sociedade se complexifica e diversifica suas funções. Sem intervenção humana, a paisagem encontra-se em seu estado natural, a partir das interrelações entre clima, geografia, fauna e flora. Em seu estado natural, a

¹⁶ Ver *Prospecto do Seminário Adventista*, 1918, p. 2. Mantivemos a grafia portuguesa da época.

¹⁷ Ver *Revista Mensal* de 1916, p. 1. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

paisagem mantém-se quase que contínua. No entanto, a presença humana é a maior responsável pelas metamorfoses da paisagem.

No caso do entorno do UNASP, a transformação da paisagem natural parece ter se dado de modo mais significativo com a chegada de colonos alemães, na primeira metade do século 19 e, depois, com a instalação do UNASP, no início do século 20; e, mais drasticamente, com o acelerado processo de urbanização do bairro Capão Redondo nas décadas de 1970 e 1980. Há escassez de documentos ditos “oficiais” sobre a história do antigo município de Santo Amaro. Evidentemente, há de se imaginar que ancestralmente seria uma região habitada por tribos ameríndias, mas o que temos de mais concreto pode ser periodicizado com base no trabalho apurado de Hosokawa (2001).

3.1. Paisagem natural: balneário de Capão Redondo (1827/1950)¹⁸

Entre as informações encontradas, pode-se dizer que o bairro era caracterizado por um contexto rural, com muito verde, fontes e rios de água potável. O que sabemos é que, a partir da constituição brasileira de 1824, regulamentou-se a política de incentivos à imigração europeia para o Brasil, incluindo a dos povos de fala alemã. De acordo com Hosokawa (2001, p. 66), 926 imigrantes germânicos, vindos da Europa Central, chegaram à região entre 1827 e 1829. Pouco mais da metade deles era luterano. Os católicos que vieram se concentraram na região de Itapequerica da Serra e algumas famílias protestantes acabaram se instalando no sertão de Santo Amaro. Essas famílias receberam do governo brasileiro minifúndios para trabalharem e reconstruírem a vida no Brasil, em acordos entre a política do segundo reinado e os cônsules alemães. A proposta era estreitar os laços comerciais entre o recente parque industrial alemão e o mercado brasileiro (TRESPACH, 2019, p. 296).

O fato é que a paisagem do balneário de Capão Redondo passou a ser ocupado com esparsos e pequenos sítios hortifrutigranjeiros, onde as famílias alemãs organizaram suas igrejas e práticas culturais, principalmente de tradição

¹⁸ As datas propostas para cada período do bairro são aproximadas, justamente porque as datas se referem à fluidez dos processos de mudanças, que consequentemente provocaram as transformações na paisagem.

protestante, incluindo adventistas. O alemão era o idioma mais ouvido no bairro. A escolha da fazenda para a escola levou em conta justamente a paisagem natural e o ambiente familiar germânico.

Nesse início, a mata nativa foi dando lugar às primeiras construções de alvenaria e às áreas de plantações do colégio. O bairro ainda era rural e pacato e atraía a atenção das elites paulistanas para desfrutarem o ambiente natural de áreas de matas e rios. E a principal atividade econômica era a agricultura familiar de subsistência. Por meio de relatos orais,¹⁹ constatamos que a escola mantinha um acesso voltado para a lagoa²⁰ e que vários vizinhos vinham comprar hortaliças e leite fresco no UNASP. Aos poucos, famílias adventistas se mudaram para o entorno do colégio, movimento comum nos arredores das instituições adventistas ao redor do mundo. Observa-se que, ao mesmo tempo, as instituições da igreja servem de vetores de expansão e concentração.

3.2. Industrialização e migração: da roça à favela (1950-1980)

O segundo período da transformação da paisagem do Capão Redondo é marcado pelo processo de industrialização e pelas mudanças socioeconômicas da cidade de São Paulo. Uma mudança importante, por exemplo, ocorreu nos anos 1930. Por razões políticas ligadas à Revolução de 1932, Santo Amaro perdeu sua condição de município e foi anexado como bairro da capital paulista, em 1935.

Afastado do restante da cidade, o Capão Redondo teve sua modernização alavancada pelo UNASP: a estrada passou a ser melhor conservada; a instituição comprou seu primeiro carro Ford, em 1919; alunos e professores trabalharam para gerar a própria energia hidrelétrica do colégio e o primeiro telefone da região também foi instalado ali (HOSOKAWA, op. cit., p. 130). Ainda dentro do colégio, em 1925, foi iniciada a produção de suco de uva, que depois resultou numa fábrica de

¹⁹Atualmente, a instituição mantém um Centro de Memória, que tem como objetivo coletar depoimentos, fotos, objetos de antigos moradores do bairro e de descendentes das famílias que viveram no entorno do colégio. Os relatos são gravados, as informações são sistematizadas e confrontadas com outros elementos factuais, como fotografias ou notícias de jornais da época, que possam comprovar a veracidade das informações.

²⁰Esse local hoje corresponde à rua Professora Eunice Bechara de Oliveira, no Capão Redondo. Acesso não existe mais, pois estava localizado na área que foi desapropriada nos anos de 1980.

alimentos vegetarianos que se emancipou do UNASP: a Superbom.²¹ Esse período encerra também a fase estritamente rural da instituição.

Entre as décadas de 1950 e 1960, é possível perceber que as migrações de nordestinos, nortistas e mineiros estavam mudando as características das áreas periféricas de São Paulo. Esse processo escalonou e se estendeu até a década de 1990. Sítios começaram a ser loteados, mutirões e autoconstruções passaram a compor a paisagem do Capão Redondo. As lutas por moradia começavam a se organizar por toda a cidade (KEPPKE et al, 2022, p. 17). A liderança da igreja começava a perceber que os arredores poderiam inviabilizar a continuidade do modelo escola-fazenda.

Internamente, havia outros dilemas também. Além da educação básica, dos cursos livres de música e do curso superior de Teologia (que era reconhecido apenas pela denominação), desde os anos 1940, a IASD discutia se deveria ou não abrir cursos de ensino superior regulamentados. Os líderes se dividiam entre os que sonhavam com uma universidade adventista no Brasil e os que temiam que isso desencadeasse um processo de secularização (STENCEL, 2006). Nessa época, tentou-se abrir a graduação em Enfermagem, mas o governo brasileiro negou. Porém, em 1969, o curso de Enfermagem foi autorizado e, no início dos anos de 1970, o de Pedagogia. Com isso, parte dos líderes adventistas entendia que o UNASP já estava oferecendo formação nas três áreas mais estratégicas para a denominação: religião, saúde e educação (Ibid., p. 242).

No fim dos anos 1970, a instituição tinha 1.400 alunos e uma estrutura física bastante robusta: 50 alqueires de terra, com centenas de cabeças de gado holandês, leiteira, silos, plantações, hortas e pedaços de matas, quadras, piscina, dormitórios masculino e feminino, refeitório, conservatório musical, auditório com capacidade para 500 pessoas e mais de dez casas para funcionários no campus (ABRAÇOS, 2021, p. 113-121).

Enquanto isso, a população do entorno continuava a crescer desordenadamente. Pelas ondas da radiodifusão, propagava-se a modernização da capital paulista, que atraiu trabalhadores de todas as partes do país. Entre os anos de 1930 e 1950, o Estado de São Paulo passou a receber um enorme contingente de imigrantes estrangeiros e migrantes nacionais. Ambos os grupos estavam fugindo

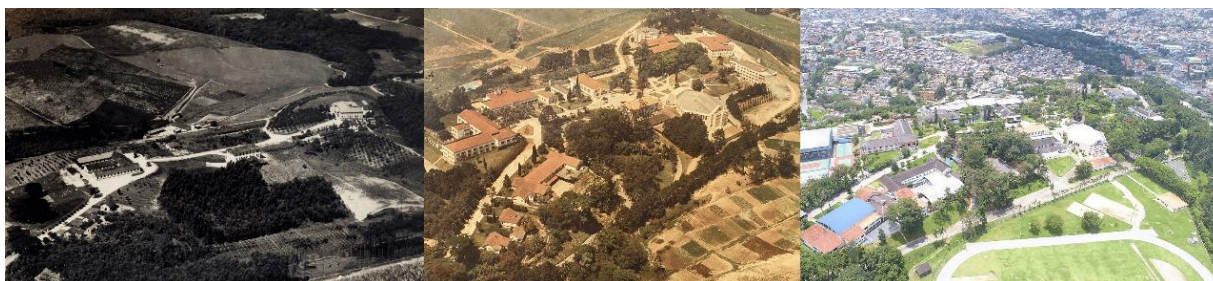
²¹ Ver <https://superbom.com.br/empresa/>. Acessado em 4 de novembro de 2024.

da miséria e buscavam melhores condições de trabalho e vida. Porém, a grande maioria dessas famílias não tinha onde morar. Num primeiro momento, habitaram em moradias baratas em cortiços e quartos de aluguel na área central da cidade mas, depois, migraram para as franjas da capital, em busca de terrenos mais acessíveis, onde viabilizariam a casa própria por meio de autoconstrução familiar.

Foi assim que o Capão Redondo sofreu um boom populacional a partir dos anos de 1950, saindo de pouco mais de 5 mil habitantes para 268 mil, em meados dos anos 2010 (LIA *et al.*, 2020, p. 3). Nesse contexto, o entorno do UNASP passa a ser cercado por favelização. Conforme observaram ANTOINE *et al.* (2020, p.12), as favelas mais antigas do bairro (antes de 1970), que representam cerca de 20% do território do Capão Redondo, “ocupam quase exclusivamente o norte do distrito”, ou seja, as imediações UNASP. Faz sentido imaginar que o desenvolvimento urbano trazido pela então escola-fazenda adventista, como o asfaltamento da Estrada de Itapequerica, em 1956, e a circulação de linhas de ônibus em mais horários, atraíram os moradores recém-chegados.

No fim dos anos 1970, a mobilização de movimentos sociais por moradia digna, como a “pastoral das favelas” (ALEXANDRE, 2019), pressionou governos de todas as instâncias. Nesse contexto, foi publicado um decreto municipal de desapropriação de 70% da fazenda do UNASP, em julho de 1983, para fins de construção de habitações populares, escolas públicas e espaços de lazer no Capão Redondo (PMSP, 1983, p. 1). O UNASP poderia continuar suas atividades nos 30% centrais, onde estavam a maioria de suas edificações.

Figura 2: Montagem com fotografias aéreas da instituição e seus arredores nos anos 1930, 1980 e 2017.



Fonte: Acervo do Centro de Memória do UNASP-SP.

A mudança da paisagem ao redor, das novas contingências históricas e socioeconômicas promoveram profundas mudanças na organização da educação

adventista praticada na instituição. As atividades agropecuárias não eram mais obrigatórias para a conclusão dos cursos oferecidos. O modelo-escola precisava ser adaptado.

Com o valor da indenização pela desapropriação, os líderes na IASD decidiram comprar uma fazenda no interior de São Paulo, a 160 km, num distrito rural do município de Artur Nogueira (em 1991, essa região se emancipou como Engenheiro Coelho). Essa nova fazenda de laranjas tinha espaço para lavouras e o gado, que foi logo transferido. O ponto de discussão interna agora era pela continuidade ou não do campus paulistano do UNASP (STENCEL, 2006, p. 197-199).

Depois de anos de impasses e reviravoltas, decidiu-se pela continuidade das atividades no Capão Redondo. Várias razões pesaram para essa decisão: a propriedade remanescente era suficientemente grande; a instituição tinha 2,5 mil alunos matriculados; a ampla estrutura física pronta; a falta de concorrência no mercado de ensino superior na região e o papel simbólico e estratégico do UNASP numa região que já tinha dezenas de escolas e igrejas adventistas.

3.3. O desenvolvimento urbano e as readequações institucionais (1980-presente)

O bairro de Capão Redondo seguiu em crescimento, muito embora o tenha feito de maneira desordenada e sem grande assistência do Estado. A ausência de serviços urbanos - como rede de saneamento básico, escolas, hospitais e equipamentos de segurança pública – fez com que a criminalidade crescesse de maneira vertiginosa. No fim dos 1980, os bairros de Capão Redondo, Jardim São Luis e Jardim Ângela ficaram conhecidos como o “triângulo da morte”, por causa dos altos índices de homicídios. Além disso, a população padecia com a falta de investimento em mobilidade urbana e habitação social. Mesmo com a construção da Cohab Adventista, a demanda por moradia acessível ainda era grande. Muitos moradores acabaram indo buscar um espaço nas áreas mais insalubres e desvalorizadas do bairro. Em 2020, havia 83 favelas no Capão Redondo, com 29 mil moradias, a maior parte delas no noroeste do distrito, próximo aos córregos (ANTOINE *et al.*, 2020, p.11).

Ao longo dos anos 1990, a situação do bairro começou a mudar. Várias gestões municipais direcionaram esforços para a diminuição do abandono e da violência. Estruturas urbanas passam a atender melhor sua população. Entre elas,

destacamos: construção do Hospital do Campo Limpo (1990); inauguração do Parque Santo Dias (1992); canalização de córrego e construção da avenida Carlos Caldeira Filho (1994); construção do Terminal João Dias (1996) e do Terminal Capelinha (1998); abertura da estação de Metrô Capão Redondo (2002), que foi interligada com o restante da malha metroviária de São Paulo em 2018. A chegada desses equipamentos públicos fez com que a região se valorizasse e vários condomínios fechados fossem construídos para a classe média. O auge da valorização do bairro foi a inauguração do Shopping Campo Limpo, em 2005, que trouxe lojas e serviços mais sofisticados para o Capão Redondo.

Assim como seu entorno, a instituição adventista também passou por transformações nas últimas décadas, e passou a sediar o Centro Universitário Adventista de São Paulo a partir de 1999. Os próximos anos foram de crescimento do ensino superior e da educação básica. Houve uma estruturação da escola de esportes e de serviços destinados à população do bairro, como PSF, Bom Prato, núcleo jurídico e policlínica, parcerias com os programas da municipalidade. O crescimento da instituição atraiu uma unidade do Hospital Adventista de São Paulo também para a região.

4. Reformulação de um ideário educacional

A mudança da paisagem urbana do Capão Redondo sinalizou que o mundo, no qual o Seminário Adventista foi estabelecido em 1915, já não mais existia. E se o entorno mudou, o UNASP também. Como já mostramos, o centro universitário teve que se adaptar às regulamentações educacionais e à lógica do mercado. Contudo, nesse processo, a IASD também teve que reformular seu discurso sobre o campus e sua proposta educacional.

4.1. Memória religiosa e mudança de discurso institucional

A sociologia da memória religiosa de Maurice Halbwachs (1877-1945),²² conforme entendida por pesquisadores contemporâneos - como Hervieu-Léger (2009), Rivera (2010 e 2018) e Follis (2017) - pode nos ajudar a compreender esse

²² Ver HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo (SP): Centauro, 9ª reimpressão, 2017.

processo de atualização da tradição educacional adventista. Olhamos para o passado com a tendência de recontá-lo a partir da realidade presente. A memória é seletiva e a interpretação dos fatos passa pelo filtro de uma leitura contemporânea do relato ou registro (RIVERA, 2010, p. 29).

Conforme já elaborado por Lima (2020, p. 95-101), a religião precisa afirmar uma memória imutável, porque propõe uma visão de mundo estável. O grupo religioso precisa acreditar em sua estabilidade, recusar a mudança e crer na ilusão de que sua tradição não mudou. O ponto é que, como qualquer outra instituição social, as religiões mudam. E como resolver isso? Segundo Halbachws, a solução dessa tensão é a religião transmitir a novidade como se fosse parte da tradição. Dessa forma é possível mudar, sem assumir a mudança.

O mecanismo desse processo se vale da própria natureza acumulativa e adaptativa da religião. É preciso reativar crenças antigas, que foram sublimadas na tradição e que respondam melhor a desafios contemporâneos. Outro mecanismo é recriar crenças a “partir de dados sociais e culturais novos”, ainda que essas crenças reivindiquem para si uma tradição imemorial. A questão é que “há estreita relação entre sobrevivência e recriação no cenário religioso” (Ibid., p. 44) e a inovação na religião funciona como uma refundação, um suposto retorno às origens (Ibid., p. 45).

Em outras palavras, a mudança da religião em sociedades que passam por rápidas transformações, como as modernas é inevitável e uma questão de sobrevivência (Ibid., p. 43). Portanto, em tempos de religião em movimento, a tradição adventista também é desafiada em sua transmissão, e não seria difícil presumir que, ao longo de 180 anos, ela tenha passado ou esteja passando por reinterpretções, como fruto de um novo olhar para seus elementos fundantes. Lima (2020) verificou esse processo em curso quanto ao discurso adventista sobre as cidades, mas é provável que algo semelhante esteja acontecendo em outras áreas, como no discurso sobre a comunicação (NOVAES, 2016), o sábado (TONETTI, 2021) e a educação.

Ao utilizar as ferramentas teóricas oferecidas por Halbwachs para explicar as tensões contemporâneas do adventismo, Follis (2017) argumenta que, pelo fato de a Igreja Adventista se apegar não a uma memória de base geográfica, mas com

fundamento num evento (desapontamento de 1844)²³ e pessoa (dom profético de Ellen White), mostra-se mais livre que outras tradições para se adaptar às constantes mudanças exigidas pela modernidade recente (FOLLIS, 2017, p. 100). Nessa direção, Lima (2020) observa que, para gerar uma percepção de continuidade e não de ruptura, a atualização da tradição adventista precisa ser articulada a partir de uma releitura dos escritos normativos da pioneira.

4.2. De *training school* para centro de influência

Apesar de o Madison College ter servido de modelo de escola-fazenda por várias décadas para o adventismo norte-americano e de Sutherland ter incentivado os adventistas a mudar da cidade para o campo, lançando a compilação *Country Living* (1946)²⁴ e o livro complementar *From City to Country Living* (1949),²⁵ no período em que fez parte da Comissão Rural Sobre Vida da sede mundial da IASD (CHISM, 2024), o que se viu na segunda metade do século 20 foi o enfraquecimento da proposta original adventista e sua adequação às mudanças do mundo pós-Segunda Guerra Mundial.

Se no século 19, a terra era quase de graça nos Estados Unidos e o treinamento na agricultura era uma grande forma de subsistência, o mesmo não pode se dizer de hoje e do mundo do trabalho nas últimas décadas. Logo, as mudanças demográficas, mercadológicas e culturais têm feito com que o modelo adventista de escola-fazenda seja repensado. Um dos educadores a fazer esse exercício é George Knight no seu livro *Mitos na Educação Adventista* (2010, p. 231-247).

Nessa releitura dos escritos de Ellen White sobre educação, ele destaca que o trabalho manual não era o elemento principal e mais inovador do pensamento da pioneira adventista. Segundo ele, já nos anos 1830, instituições protestantes, como o Oberlin College, estavam conectando trabalho e estudo nos seus internatos. Além disso, na década de 1880, a educação vocacional estava no centro das discussões

²³ A IASD é herdeira espiritual do milerismo, movimento interdenominacional norte-americano que mobilizou cerca de 100 mil pessoas para aguardarem a volta de Jesus à Terra em 22 de outubro de 1844. Das cinzas dessa decepção e da ressignificação dessa data, é que surgiu o grupo adventista sabatista que, em 1863, fundou a IASD. Ver KNIGHT (2016).

²⁴ Foi publicado em português, em 1966, com o título *Vida no Campo: Um Auxílio Para a Segurança Moral e Social*. A 12ª edição é de 2018 (CPB).

²⁵ Foi publicado em português, em 2019, com o título *Da Cidade Para o Campo: Um Guia Para Aplicar as Orientações Divinas* (CPB), com a justificativa de que essa pauta estaria sendo “sequestrada” por movimentos dissidentes no adventismo brasileiro.

sobre a reforma do ensino médio norte-americano (Ibid., p. 231). Apesar de sua importância, o trabalho prático vinha atrelado a outras reformas na visão educacional de Ellen White, como a promoção da saúde, o contato com a natureza e a centralidade da Bíblia.

Portanto, parece que a pioneira não via o trabalho manual como uma panaceia educacional, como fez Edward Sutherland no início do século 20, quando enfatizou muito o trabalho prático em detrimento ao desenvolvimento mental no Emmanuel Missionary College (Ibid., p. 235). O ponto é que Ellen White entendia que a educação adventista deveria ajudar os jovens a desenvolverem habilidades que colaborassem para a inserção deles no mercado de trabalho ou a conseguir seu próprio sustento. Segundo Knight, é aí que está o desafio da educação adventista no início do século 21: pensar que habilidades e oportunidades deveriam ser ofertadas em suas escolas para viabilizar a empregabilidade de seus alunos (Ibid., p. 236).

A principal mudança foi acrescentar ao propósito inicial de formação das novas gerações adventistas, o papel de evangelização de um público mais amplo. Menslin (2023, p. 9-14) nomeia essa mudança de “movimento missional a uma rede de escolas confessionais”, o que resultou em um dos maiores empreendimentos educacionais protestantes do mundo. Para ele, não existe competição, mas complementariedade nessas duas visões: “Tanto a visão missional como a educação confessional podem ser partícipes de uma evangelização com propósito de expansão da própria igreja que os mantém” (Ibid., p. 15).

Em resumo, a educação adventista viu seu modelo de escola-fazenda, centrado no trabalho manual agroindustrial, expandir-se ao redor do mundo na primeira metade do século 20 para, então, após a Segunda Guerra Mundial ser gradualmente repensado e flexibilizado. Se, inicialmente o objetivo principal era a formação de missionários nativos por meio da proposta de *training school* rural no regime de internato misto, esse ideário educacional precisou se adequar às regulamentações governamentais, lógica mercadológica e novas divisões sociais do trabalho.

Com isso, nas últimas décadas no Brasil, por exemplo, a rede educacional adventista investiu mais em unidades de externato urbanas, as quais atraíram alunos de diversas denominações cristãs, fazendo com que o discurso e a prática educacional da IASD fossem modificados. A partir dos estudos de Halbachws,

podemos intuir que essa modificação se dá na releitura da própria tradição, buscando nos escritos fundantes de Ellen White, conceitos que possam responder melhor aos desafios contemporâneos. É aqui que entra a ideia de centro de influência.

4.3. Centros de influência: uma resposta aos desafios da missão urbana

A partir dos anos 1980, a IASD começou a reconhecer que o mundo estava se tornando predominantemente urbano e que esse contexto seria sua nova fronteira missionária (ACHISM, 2024). Porém, foi somente nos últimos 15 anos, que a missão urbana apareceu como prioridade dos planejamentos estratégicos da denominação: Reach the World (2015-2020) e I Will Go (2020- 2025)²⁶ e I Will Go (2025-2030).²⁷

Atualmente, o discurso institucional adventista enumera três grandes desafios missionários: (1) “Janela 10/40” (região do mundo que abrange o norte da África, Oriente Médio e Sul e Sudeste da Ásia, onde o cristianismo é minoritário); (2) “Janela pós-cristã” (países desenvolvidos, onde o cristianismo declina); e (3) “Janela urbana”²⁸ (543 cidades com mais de 1 milhão de habitantes em que a presença adventista é insignificante ou não existe).²⁹

Contudo, ao se deparar com a complexidade da evangelização das cidades contemporâneas, o adventismo também teve que encarar uma tensão histórica, mencionada na primeira parte deste artigo. Para tanto, conforme demonstrado por Lima (2020), a IASD tem mudado de um discurso antiurbano para uma postura mais positiva em relação à urbanização. Um passo importante nessa direção, foi a publicação, em 2012, de uma outra compilação póstuma de Ellen White sobre o tema: *Ministério Para as Cidades*. No prefácio dessa obra, os editores informam que esse material pretendia equilibrar a visão dos adventistas sobre a tensão campo-cidade, oferecendo um contraponto ao livro *Country Living*, de 1946 (WHITE, 2012, p. 8 e 9).

²⁶ Esses dois primeiros planos estão disponíveis em adventistarchives.org. Acessado em 14 de fevereiro de 2021.

²⁷ Ver <https://noticias.adventistas.org/pt/aprovado-novo-plano-estrategico-global-da-igreja-adventista>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

²⁸ Ver páginas 12 e 13 desta revista: <https://issuu.com/advmission/docs/mission360-v11n1>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

²⁹ Dados de 2013 mostram um mapeamento da presença adventista nas cidades de mais de 1 milhão de habitantes (McEDWARD e TRIM, 2014).

Um estudo significativo nessa direção é o de Monte Sahlin que, tem ajudado a corroborar o discurso de que houve uma leitura enviesada dos escritos de Ellen White a respeito do tema. A conclusão dele é que a preocupação da pioneira com a missão urbana era maior do que com a vida ideal no campo (2007, p. 16-18). Knight (2001) e Fortin (2018) também confirmam isso, juntando-se a outros historiadores e missiologistas adventistas que chegam a afirmar que, talvez o “DNA adventista” seja mais urbano do que rural.

E o exercício que esses teólogos fazem para realizar essa releitura no adventismo é buscar nos próprios escritos fundantes da tradição, elementos que tornem a presença adventista mais relevante nas cidades. Krause (2014), por exemplo, argumenta que, para a evangelização urbana, os adventistas não precisam inovar muito, mas apenas resgatar sua rica tradição missionária. Ao reler Ellen White, ele vai resgatar e reenquadrar conceitos dela, como o de “centro de influência”. Para Krause, a ideia da pioneira de implementar livrarias, restaurantes vegetarianos e outros espaços de prestação de serviços à comunidade nas cidades norte-americanas do início do século 20, pode servir de plataforma para a práxis de uma teologia urbana mais abrangente da IASD nas metrópoles do século 21, que vise atender necessidades sociais, físicas e espirituais de seus habitantes (2020, p. ii).

No Brasil, por contar com 280 mil alunos e 525 unidades escolares,³⁰ a maioria delas localizadas em contextos urbanos, é razoável esperar que a mudança de discurso adventista sobre as cidades passe a enxergar suas escolas e colégios também como centros de influência. Talvez, um documento pioneiro nesse sentido, foi apresentado pelo UNASP, em 2017, para justificar a abertura de suas duas unidades descentralizadas na capital paulista: Vila Matilde e Liberdade.³¹ Apesar de essas unidades descentralizadas já terem sido desativadas, esse documento de 14 páginas tem grande valor, pois além de fazer um resgate histórico da relação dos adventistas com a urbe, e propõe uma releitura pró-cidade dos escritos de Ellen White. Esses textos preconizavam que essas unidades descentralizadas funcionassem como centros de influência urbanos. Para tanto, sugeriu-se que

³⁰ Ver <https://www.educacaoadventista.org.br>. Acessado em 3 de novembro de 2024.

³¹ Ver “Diretrizes Gerais Para a Implementação de Centros de Influência Adventistas no Formato de Unidades de Educação Superior Descentralizadas do Unasp na Capital Paulista”, proposta apresentada no Conselho Deliberativo do Instituto Adventista de Ensino, em 29 de maio de 2017.

pesquisas sociodemográficas fossem feitas na região, a fim de identificar necessidades do bairro a serem supridas e que a unidade educacional trabalhasse em conjunto com as igrejas adventistas mais próximas.

O termo e o conceito de centro de influência têm sido incorporados ao discurso e práticas adventistas. Por exemplo, a IASD tem mantido um site com cases de implementação desses espaços ao redor do mundo³² e tem crescido a correlação que se faz entre as unidades escolares e os centros de influência.³³ Ademais, diante da complexidade das áreas urbanas na atualidade, as instituições ligadas às frentes históricas da IASD, como saúde e educação, têm sido vistas como estratégicas para o avanço da influência adventista nas cidades.³⁴

5. Considerações finais

A igreja adventista do sétimo dia inaugura sua atuação missionária e institucional no Brasil, a partir do modelo de escola-fazenda. Modelo esse que já estava em andamento nos primeiros Colégios Adventistas nos EUA. Essa estrutura que aliava educação formal com ambiente e práticas rurais, baseava-se nas orientações teológicas da liderança da denominação. Os escritos de Ellen White destacavam a ênfase da instalação de institutos educacionais em ambientes naturais, que promoviam não somente a saúde do corpo, como também da dimensão espiritual.

As orientações denominacionais também enfatizavam a necessidade de que as instalações adventistas devessem estar próximos aos grandes centros urbanos, para desfrutar dos acessos aos transportes e comunicações. Ao mesmo tempo deveriam localizar-se em área rural a fim de garantir o estilo de vida salutar da mensagem religiosa.

³²Ver <https://missiontothecities.org/urban-centers-of-influence>. Acessado em 3 de novembro de 2024.

³³ Por exemplo, ver sobre a inauguração da Escola Adventista de Sobradinho, em Brasília (DF) <https://noticias.adventistas.org/pt/inauguracao-escola-adventista-em-sobradinho>, e a atuação do curso de Direito da Faculdade Adventista da Amazônia (FAAMA), na região metropolitana de Belém (PA), <https://noticias.adventistas.org/pt/semana-juridica-faama-debate-papel-do-direito-na-amazonia>. Ambos acessados em 3 de novembro de 2024.

³⁴ Ver o editorial desta edição temática do *The Journal Adventist Education* sobre missão urbana: <https://files.circle.adventistlearningcommunity.com/files/jae/en/jae201577050302.pdf>. Acessado em 3 de novembro de 2024.

Ao longo das transformações socioeconômicas do século XX, essa orientação institucional entrou em conflito com as reais condições urbanas que se avizinharam das instituições rurais. No caso do Centro Universitário Adventista de São Paulo, destacamos o estudo e as transformações da paisagem urbana do bairro de Capão Redondo, que passou de roça à favela, em menos de 50 anos. Por situar-se na periferia paulistana, o bairro que outrora oferecia um balneário natural, a partir de 1950, passou a oferecer moradia acessível aos trabalhadores migrantes que atuavam na construção do crescimento da cidade. Tal adensamento urbano crescente cercou o Colégio adventista, fato que culminou na desapropriação de quase 70% de sua propriedade, em prol da construção de moradia social. Estas transformações externas impulsionaram uma série de transformações e debates nas orientações da própria organização denominacional.

Tais mudanças urbanas ameaçaram aquele ideário educacional, de escola-fazenda, importado dos Estados Unidos, e implementado no início do século 20 nas várias (*training school*) no Brasil. Toda a readequação do modelo educacional e missionário viabilizou outro modelo de negócio (centro de influência), mais adequado ao contexto urbano e à consolidação da presença da IASD na capital paulista, especialmente no entorno do UNASP. Toda remodelação institucional demonstra que a adaptação e habilidade de sobrevivência são características fundamentais de instituições que demonstram um interesse holístico pelo ser humano, primando pela formação educacional, como também espiritual, sejam quais forem suas condições socioeconômicas.

Referências bibliográficas

ABRAÇOS, Gabriela Borges. Se os edifícios falassem: memória e história na preservação do patrimônio edificado do UNASP campus São Paulo. In: MENSLIN, Douglas; BERTAZZO, Emily; RIBEIRO, Francisco Carlos; ABRAÇOS, Gabriela (org.). **UNASP no tempo: Histórias, tradições e transformações**. 1. ed. São Paulo: Unaspress, 2021. cap. 6, p. 111-128. ISBN 978-65-89185-45-1.

ANTOINE, Seraphin; BLEDL, Friedrich; CATTOS, Vinícius; CHECA, Andres; HYPOLITO Mariana. **Exercício de Leitura Urbana Capão Redondo**. Atividade proposta pela disciplina da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- AUP 0575 Instrumentos de intervenção urbanística em assentamentos precários: plano, programa e projeto. São Paulo, 1º semestre de 2020. P. 6. In:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5455928/mod_resource/content/1/Grupo%207.pdf Acesso em 20 de outubro de 2024.

ASHWORTH, Warren Sidney, “Sutherland, Edward Alexander”, em FORTIN, Denis e MOON, Jerry, **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí (SP): CPB, 2018, p. 573.

BUTLER, G. I. Rural Versus City Life. **Adventist Review & Herald**, Battle Creek, Michigan. January 7, 1890. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Periodicals/RH/RH18900107-V67-01.pdf#search=%22Rural%20Versus%20City%20Life%22>. Acesso em: 16 out. 2024.

CHISM, Ashlee, “Adventists and the City / Country Living”, em **Encyclopedia of Seventh-day Adventists**, publicado em 3 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BFN4>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

DITTES, Albert, “Madison Institutions”, em **Encyclopedia of Seventh-day Adventists**, publicado em 24 de setembro de 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=B9Q9>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

DOUGLASS, Herbert E., “Educação Adventista, Papel de Ellen G. White na”, em FORTIN, Denis, e MOON, Jerry. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí (SP): 2018, p. 854-856.

FOLLIS, Rodrigo. **Memória, Mídia e Transmissão Religiosa: Estudo de Caso da Revista Adventista (1906-2010)**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Umesp: São Bernardo do Campo (SP), 2017.

FORTIN, Denis. “Vida no campo”, em FORTIN, Denis e MOON, Jerry, **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí (SP): CPB, 2018, p. 1.361 e 1.362.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. “Maurice Halbwachs (1877-1945)”, em HERVIEU-LÉGER, Danièle e WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e Religião**. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2009, p. 215-254.

HOSOKAWA, Elder. **Da Colina, “Rumo ao Mar”**: Colégio Adventista Brasileiro Santo Amaro 1915-1947. Orientador: Dr. Augustin Wernet. 1999. 232 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KEPPKE, R. S., Oliveira, R. P. C. de., & Doerner, C. D. O campus e a cidade: memórias e reflexões do Centro Universitário Adventista De São Paulo no Capão Redondo. **Cordis: Revista Eletrônica De História Social Da Cidade**, São Paulo (SP), p. 2–36, 2022. <https://doi.org/10.23925/2176-4174.v1n27.2022.59237>

KNIGHT, George R. “Harbor Springs, Michigan”, em FORTIN, Denis e MOON, Jerry, **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: CPB, 2018, p. 961-962.

KNIGHT, George R. **Adventismo**: Origem e Impacto do Movimento Milerita. Tatuí (SP): CPB, 2016.

KNIGHT, George R. Another Look at City Mission. **Adventist Review**, dezembro de 2001. Disponível em: <http://archives.adventistreview.org/2001-1549/story2.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.

KNIGHT, George R. **Mitos na Educação Adventista**: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen G. White. Engenheiro Coelho (SP): Unaspress, 2010.

KNIGHT, George R. **Uma Igreja Mundial: Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia**. Tatuí (SP): CPB, 2000.

KORNIEJCZUK, R. B. **Stages of deliberateteacherintegration of faith and learning**: the development and empiricalvalidation of a model for Christian education. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Andrews (EUA), 1994. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1497&context=disse rtations>. Acessado em 17 de abril de 2024.

KRAUSE, Gary David. **Seeking the Shalom**: AWholistic Approach to Adventist Urban Mission in the United States DrawingonEllenWhite’s “Centres of Influence” Concept. Tese (Doutorado em História e Filosofia) na Universidade de Queensland, na Austrália, 2020.

LIA, Giovanna. SILVESTRE, Jayne. RODRIGUES, Joana. **Estudo Físico Urbanístico: Distrito do Capão Redondo**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

LIMA, Wendel Thomaz. **A Tensão Campo-Cidade no Adventismo Brasileiro**: Mudança no Discurso Institucional e Reinterpretação de uma Tradição Religiosa. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP): São Bernardo do Campo, 2020, 139p.

LIPKE, John. Nosso Seminário. **Revista Mensal**: Órgão da Igreja Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia, Estação de São Bernardo, SP, v. 11, n. 7, p. 1, jul. 1916. Disponível em: <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 1 fev. 2023.

McEDWARD, Richard e TRIM, David J. B. “Reaching the World’s 500 LargestCities: A Demographic and StatisticalAnalysis”, em **Journal of Adventist Mission Studies**, v. 10 [2014], nº 2, p. 1-20.

MENSLIN, Douglas. “Educação adventista: 150 anos de um projeto missional a uma rede de ensino”, em **Docent Discunt**, Engenheiro Coelho (SP), v. 4, p. e01598, 2023. <https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v4.n1.pe01598>. Acessado em 2 de novembro de 2024.

MONTE, Sahlin. **Mission in Metropolis**: The Adventist Movement in anUrban World. Lincoln, Nebraska (EUA): Center for CreativeMinistry, 2007.

MOON, Jerry, “Educação Vocacional”, em FORTIN, Denis, e MOON, Jerry. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí (SP): 2018, p. 858 e 859.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Decreto nº 18.891, de 21 de julho de 1983. Mário Covas, Prefeito. **DECLARAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL, PARA FINS DE DESAPROPRIAÇÃO, IMÓVEL SITUADO NO 29º SUBDISTRITO - SANTO AMARO, NECESSÁRIO À CONSTRUÇÃO DE CASAS POPULARES**, São Paulo, 21 jul. 1983. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/saopaulo/decreto/1983/1890/18891/decreto-n-18891-1983-declara-de-interesse-social-para-finsde-desapropriacao-imovel-situado-no-29-subdistrito-santo-amaro-necessario-a-construcao-de-casas-populares?q=DECRETO%20N%BA%2018.891>. Acesso em: 10 abr. 2024.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. “Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs”, em **Horizonte**, Belo Horizonte (MG), v. 16, n. 51, p. 1.177-1.196, set./dez. 2018.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa: Sociologia do Protestantismo Contemporâneo na América Latina**. São Paulo (SP): Olho d'Água: 2010.

SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. **Internatos Adventistas no Brasil em Questão: Os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna**. Mestrado em Ciência da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SCHÜNEMANN, H. E. S. **Internatos Adventistas: A transposição de um modelo estadunidense de educação**. UFOP. Ouro Preto, MG: CEHILA, 2008.

STENCEL, Renato. **História da Educação Superior Adventista: Brasil, 1969-1999**. Orientador: Dr. Elias Boaventura. 2006. 325 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

SUTHERLAND, Edward A. **Estudos em Educação Cristã**. Engenheiro Coelho (SP): Editora dos Pioneiros, 2024.

TRESPACH, Rodrigo. **1824**. São Paulo: Ed. Leya, 2020.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí (SP): CPB, 2001.